

ORANGE

Instalação de Isabel Ribeiro e Ângelo Ferreira de Sousa

O título "ORANGE" faz referência à cor dos uniformes prisionais usados nos Estados Unidos (sobretudo em Guantanamo), às túnicas das vítimas do Daech (dito "estado islâmico") e dos coletes "salva-vidas" dos refugiados que atravessam, quotidianamente, o Mediterrâneo. A estranha recorrência desta cor, como um indício de um crime, como uma voz de oráculo, é o ponto de partida da exposição.

Os trabalhos:

1. (tinta acrílica sobre tecido, ventoinha)

Três variações sobre o tema dos coletes "salva-vidas" que, depois de usados, se acumulam nas praias das ilhas gregas. A digitalização, como uma falha de focagem, remete para uma ideia de censura mediática, que caridosamente poupa os espectadores as imagens chocantes.

2. (vídeo 4'39)

Tomamos conhecimento da história de vida de um africano que, tentando entrar de forma dita ilegal em território europeu, atravessou o estreito de Gibraltar a nado. Para o ajudar, construiu uma espécie de bóia com garrações de água vazios.

O som do vídeo é incomodativo, agressivo, agreste. A personagem nunca consegue fazer voar o papagaio. Os garrações não foram feitos para voar, nem para salvar náufragos económicos. O rapaz que encontramos em Marrocos, tinha conseguido fazer a travessia do canal mas acabaria por falhar na chegada, apanhado pela polícia espanhola; esperava o verão para tentar outra vez. O vídeo também tem 3 atos, três tentativas, mas só com um truque barato de cinema, consegue chegar ao objetivo.

3. (fotografia encontrada na internet e manipulada)

Até que ponto se pode acreditar na imagem mediática? No chamado "fotojornalismo"? Aonde acaba a verosimilhança das imagens de guerra? E da guerra em si?

1 até 15 de Outubro 2016

Sex & Sáb 14 – 18 h

Os artistas:

ISABEL RIBEIRO

Covilhã, Portugal, 1976. Vive e trabalha entre Porto e Lisboa.

Os trabalhos da artista, que começou a expor em 2001, são percorridos por diversas inquietações geradas na modernidade e que têm a ver com um fracasso do indivíduo com o que o rodeia: a crise individual, a crise colectiva, o conflito entre o individual e o social, as transformações do espaço, as forças de mudança, a solidão da luta, o contínuo falhanço dos movimentos de mudança, os dilemas e a longevidade da comunidade, a depressão, o desemprego, a solidão, o tédio.

O nome da artista está também ligado à criação do *Salão Olímpico* e do *Projecto Apêndice*, dois dos espaços geridos pelos próprios artistas que surgiram no Porto, nos últimos anos.

<http://isabel-ribeiro.blogspot.com>

ÂNGELO FERREIRA DE SOUSA

Porto, Portugal, 1975, vive e trabalha entre Paris, Barcelona e o Porto.

Depois dos estudos de Belas Artes, e mesmo durante os mesmos, viu-se envolvido em diversas ações, exposições, projetos site-specific, vídeos e performances, frequentemente de carácter sociopolítico – ou poético-político? Seguindo as seguintes coordenadas: ação direta, poesia visual e reprodutibilidade técnica que facilitem intervenções públicas em grande escala, performances no espaço público (muitas vezes filmadas com câmara escondida), colaborações com outro(s) artista(s), desenhos a giz, etc. Um trabalho efémero e rápido que pretende criar um espaço onde o artístico e o político formem parte de um mesmo mecanismo de produção e circulação.

Foi um dos fundadores do espaço artístico independente Caldeira 213, no Porto. Foi ainda artista residente em Hangar (Barcelona), Triangle (Marselha), Duende Studios (Roterdão) e The Window (Paris).

<http://www.angeloferreiradesousa.net/>

1 até 15 de Outubro 2016

Sex & Sáb 14 – 18 h